

A Hospedaria de Imigrantes e os tijolos do racismo estrutural no Brasil - Deslocamentos indígenas

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo está localizado nas instalações da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887-1978), que durante 91 anos acolheu e abrigou migrantes nacionais e internacionais que chegavam ao estado de São Paulo. São múltiplas as narrativas que ecoam e que foram trazidas por milhares de pessoas, histórias de diversos grupos sociais que vieram de terras distantes e, durante o processo de deslocamento, relataram as condições de viagem, suas primeiras impressões sobre o Brasil e dificuldades encontradas para se adaptarem às novas condições de vida e trabalho.

A construção da Hospedaria foi iniciada em 1886 e tinha como objetivos abrigar e distribuir migrantes internacionais pelo interior de São Paulo e, assim, garantir o abastecimento de mão de obra para as fazendas paulistas. Não é, porém, incomum o questionamento dirigido às equipes do MI sobre o que havia e quem eram os habitantes naquele terreno sob o qual foi erigida a Hospedaria. Os relatos históricos tradicionais enfatizam a fraca conexão entre essa região - “mais à leste do Largo do Carmo” - e o centro da cidade, desde a instauração do colégio jesuíta em 1554 até meados do século XIX, quando a economia cafeeira promoveria grandes transformações, instaurando-se ali as indústrias e as linhas de trem que marcariam a paisagem e a dinâmica urbana em desenvolvimento. Também projetada no entroncamento das linhas férreas que partiam de Santos e do Rio de Janeiro, dois dos principais portos de chegada ao Brasil, a Hospedaria assim compõe uma história da “modernização” de São Paulo que, motivada por uma política de embranquecimento da população, corrobora na invisibilização das presenças e pertencimentos indígenas que ali habitaram e circularam.

A partir do final dos anos 1920, há uma mudança no regime migratório interno no Brasil e a Hospedaria passa a receber e acolher também um grande contingente de trabalhadores nacionais, vindos de outros Estados como Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Ceará e Maranhão. Durante o seu período de funcionamento, das mais de 2,5 milhões de pessoas que passaram pelo edifício, aproximadamente metade delas tiveram como lugar de origem essas demais localidades do território nacional. Atravessados por diversos processos de racialização e incluídos na categoria de “trabalhador nacional”, a presença e a agência dos povos indígenas também sofreu um processo de apagamento na história da migração no Brasil.

Deslocado do centro da discussão, o papel do racismo estrutural no curso das migrações no Brasil é subdimensionado, invisibilizando o ponto de encontro entre a história dos múltiplos deslocamentos populacionais e as indagações sobre o contexto em que a Hospedaria foi construída: o branqueamento como norma e a implantação de um modo de existir que apaga e marginaliza a presença dos diferentes povos indígenas.

A Hospedaria funcionou até 1978 e, no mesmo ano, foi dado início ao processo de seu tombamento, no âmbito estadual. Como justificativa, a evidente importância das migrações na construção de São Paulo e de como o edifício e os arquivos materializavam e tornavam-se memória desse processo. A efetivação do tombamento pelo Condephaat aconteceu em 1982 e, em 1986, foi criado o Centro Histórico do Imigrante, ainda funcionando junto a serviços de assistência social que nunca deixaram de ser realizados no centenário edifício. O Museu da Imigração foi criado somente em 1993, com o intuito de celebrar as memórias e contribuições migrantes em São Paulo, a partir da história da Hospedaria de Imigrantes do Brás.

Por meio de ações de preservação, pesquisa e acesso público aos arquivos da Hospedaria e do relacionamento com comunidades de migrantes e descendentes, resultando na formação do acervo da instituição e na elaboração de programação cultural, com destaque para a Festa do Imigrante que completou 25 anos de história em 2020, o Museu da Imigração/Memorial do Imigrante firmou-se referência em seu campo de atuação no Brasil.

A partir de 2010, com o fechamento para obras de restauro e posterior reabertura em 2014, o Museu vem passando por um reposicionamento de seus conceitos e objetivos, de modo a abarcar um espectro cada vez mais abrangente de experiências vinculadas aos deslocamentos humanos em nosso país. A maior proximidade com instituições e coletivos, bem como o posicionamento ativo que assume frente às ausências e violações de direitos para migrantes no Brasil, comunicados ao público principalmente por meio de exposições e seminários, marcam esse novo compromisso e papel social.

Porém, mesmo estando imerso nas estruturas sociais mais amplas da sociedade, o Museu da Imigração havia apenas tangenciado, em suas ações e produções, o racismo estrutural, motor da nossa história e formador da nossa identidade, fato fundamental para compreendermos o fenômeno migratório enquanto política de Estado e suas implicações em subjetividades e dinâmicas sociais ainda hoje.

Sendo fundamental, neste momento de abertura de uma janela de debate no Brasil e no mundo, fazer a autocrítica para que seja possível identificar se a instituição e o seu recorte histórico contribuíram para a consolidação do racismo estrutural presente em nossa sociedade, realizamos em dezembro de 2020 o curso “A Hospedaria de Imigrantes e os tijolos do racismo estrutural no Brasil”. Tendo a contribuição de especialistas que sob diversos ângulos trataram do impacto do racismo em nossa história e nas migrações, as mesas trouxeram também como foram articuladas as resistências – passadas e as atuais – focalizando principalmente as experiências e as agências do povo negro no Brasil.

Neste novo curso, que se apresenta como uma complementação daquele, buscaremos gerar mais um espaço para seguir pensando esse racismo estrutural e suas consequências para as migrações, mas agora a partir das experiências e (re)existências dos variados povos indígenas da América Latina.

Estrutura do curso

Serão realizadas, semanalmente, mesas de debate no canal do Museu da Imigração no YouTube. Ao todo, serão quatro encontros, seguindo temáticas pré-estabelecidas. Horário: 18h - 21h.

Apresentação do curso por parte de integrante do GT Histórias Invisibilizadas

Apresentação: Thiago Haruo Santos

Mesa 1 (18/08): Racismo contra os povos indígenas e a construção da visão colonial

O racismo contra os povos indígenas é constitutivo da visão colonial criada e recriada nas Américas. Nele, da mesma forma que os territórios passam a ser tratados como recurso e mercadoria, os corpos dos povos que aqui habitam são reduzidos à força de trabalho - compulsório, no passado, e supostamente necessário de “integração”, na atual presença indígena de pessoas nascidas no Brasil ou em outros países da América Latina. Interessamos-nos nesta mesa entender as particularidades do racismo existente contra as pessoas indígenas e como ele foi criado e recriado. Além disso, gostaríamos também de entender os modos encontrados por variados grupos para resistir a esses processos em perspectivas histórica e contemporânea.

Como ocorre essa constituição da visão colonial sobre os territórios e os grupos, no passado e no presente? Qual o papel do trabalho nessa construção? Como migrantes internacionais que são indígenas resistem a essas dinâmicas?

Mediação: Angélica e Gregório

Convidadas:

Sté Illanes

Luma Prado

Mesa 2 (25/08): Os sentidos do território segundo as experiências indígenas

A relação com a terra é fundante das cosmologias de vários povos ameríndios e se modifica conforme as dinâmicas históricas encontradas no caminho, inclusive as criadas pelo sistema econômico capitalista. Na atualidade, seja por meio da educação, da valorização de referências ancestrais ou luta política, muitos desses povos vem mostrando a necessidade de se repensar a forma como entendemos nossa relação com os territórios. Nesta mesa, gostaríamos de conhecer as noções de território que moldam as experiências de alguns dos povos indígenas que se fazem presente em São Paulo, seja por meio da migração internacional ou da (re)existência contínua neste território que chamamos Brasil. Gostaríamos de trazer para o primeiro plano experiências e conhecimentos que resistem em diferentes configurações como nas cidades, suas periferias e nas aldeias.

Como os espaços habitados pelos povos indígenas vêm sendo modificados no sistema econômico capitalista? Como nas diferentes cosmologias ameríndias surgem a compreensão do território e de que maneira interagem com esse sistema econômico? Como em São Paulo, seja nas cidades, nas suas periferias, nos litorais ou aldeias, essas cosmologias seguem resistindo?

Mediação: Cecília e Raquel

Convidados: Emerson Souza

Wilbert Villca Lopez

Mesa 3 (01/09): Migrações indígenas

Um capítulo importante da história da Hospedaria de Imigrantes do Brás é quando, ainda no início do século XX, passa a receber e dar acolhida a migrantes vindos de outros estados, com destaque para Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Ceará e Maranhão. Interessa-nos então, por um lado, entender como os processos de genocídio e etnocídio que se deram em todo o território nacional se vinculam com esses deslocamentos entre estados. Por outro, há que se atentar também para a circulação das pessoas pelos espaços urbanos, entre o urbano e suas margens. Apesar do apagamento, essa circulação e agências constituem nossos territórios e formas de vida.

Como os processos de expulsão, demarcação e auto-identificação como indígenas se vinculam às histórias das migrações internas no Brasil? Como as migrações podem ser pensadas a partir de uma perspectiva indígena? Como se dá a circulação das pessoas indígenas nas cidades e nos seus entornos? Como essas presenças indígenas foram e são reivindicadas?

Mediação: Guilherme e Gabriela

Convidados:

Casé Angatú

Clarice Pankararu